

INSTITUTO TEOLÓGICO SÃO PAULO – ITESP
INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES – ISPES

Alessandro Magno Alves de Macedo
Davidson Bertuce de Carvalho Souza
Diego Antônio da Silva
Jonas Luiz de Pádua
José Eduardo Mendes
Maksuel Gomes Costa

LIVRO DE JONAS

Trabalho de aproveitamento da disciplina de Literatura Sapiencial, do curso de Bacharelado de Teologia do Instituto São Paulo de Estudos Superiores, sob a orientação do Professor Shigeyuki Nakanose.

SÃO PAULO, 2017

1. O LIVRO DE JONAS: CONTEXTO HISTÓRICO

O livro de Jonas, provavelmente, foi escrito no final do período Persa entre os anos 400 e 350 a.C. Faz parte da coleção dos livros proféticos, todavia, não é composto de anúncios e denúncias mas, narra o chamado e a missão de um profeta descontente com sua missão¹. Provavelmente, foi escrito por um grupo de sábios de Israel que, comprometidos com a fé e a vida do povo, apresentavam um Deus misericordioso, paciente e que se compadecia dos estrangeiros. Com isso, realizava uma forte crítica contra a teologia oficial de Esdras e Neemias².

Durante a dominação Persa as principais preocupações eram: a reconstrução do templo, a restauração da lei e das práticas rituais, a eliminação da influência estrangeira, o fim do casamento misto e a utilização de genealogias para justificar a pertença ao povo escolhido. Dentro dessa perspectiva, o livro de Jonas vai ironizar a figura do judeu nacionalista e apresentar o estrangeiro como solidário e temente a Deus (v.1), criticando ironicamente a teologia oficial. Também apresenta a possibilidade de sacrifícios fora do templo (1, 16), o que choca com a teologia centralizadora do período Persa.

Temos também algumas características históricas que nos ajudam a contextualizar o livro de Jonas em seu período histórico³. Um exemplo é a imagem da cidade de Nínive (3,3), que tem pouca relação com a capital assíria destruída em 612 e se parece mais com uma megalópole persa ou helenista. Outro ponto interessante é a temática do arrependimento apresentado nos capítulos 1 e 3 de Jonas, que possuem uma teologia pós-exílica deuteronomista.

Por fim, o livro de Jonas reflete a voz de uma parte da população judia que resistia à teologia oficial que o Império Persa, juntamente com a classe sacerdotal, tentava legitimar. A mensagem de Jonas é de acolhida ao estrangeiro, de comédia em relação ao nacionalismo descomedido e de um Deus benevolente e acolhedor.

2. ESTRUTURA DO LIVRO DE JONAS

A história de Jonas se desenvolve em dois episódios, dois lugares distintos: o mar e a cidade de Nínive. Dois ciclos paralelos que chamam a atenção pela contraposição entre a fuga

¹ c.f BÍBLIA NOVA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

² c.f BÍBLIA NOVA PASTORAL, 2014.

³ AMSLER, S. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo, Paulinas, 1992.

da missão e, posteriormente, o cumprimento da missão, com a resistência de Jonas. O cerne da história é a grande oração e confissão de Jonas: “A salvação vem de Javé”. Neste texto poético aparece um Jonas bem diferente dos outros capítulos. Vejamos o esquema que segue com os dois cenários.

<i>Primeira cena — capítulos 1 e 2: no mar</i>	<i>Segunda cena — capítulos 3 e 4: em terra</i>
A — 1,1-2: O chamado de Jonas.	A — 3,1-2: O chamado de Jonas.
B — 1,3: Jonas levanta-se e foge.	B — 3,3: Jonas levanta-se e vai a Nínive.
C — 1,4: Ação de Javé: a grande tempestade.	C — 3,4: Ação de Jonas — pregação.
D — 1,5: Ação dos marinheiros.	D — 3,5: Ação dos ninivitas — jejum.
E — 1,6: O capitão reconhece o poder da divindade por trás da tempestade.	E — 3,6-8: O rei reconhece o poder de Deus, faz penitência e proclama um jejum.
F — 1,7-13: Os marinheiros acham o culpado.	F — 3,8b: Ordena a conversão.
G — 14: Os marinheiros rezam a Javé.	G — 3,9: oração pode mover a ação de Deus.
H — 15: Jonas é lançado ao mar; cessa a tempestade.	H — 3,10: Deus arrependeu-se e não fez o mal que ameaçara fazer-lhes.
I — 16: Os marinheiros temem a Javé.	I — 3,5: Homens de Nínive creram em Deus.
J — 2,1: Javé salva Jonas.	J — 4,1.5.8c: Jonas fica desgostoso com Javé.
L — 2,2-10: Jonas reza e agradece a sua salvação.	L — 4,2-4: Jonas reza.
M — 2,11: Javé responde — Jonas é devolvido à terra firme.	M — 4,4.6-8b.9: Deus responde.

3. MENSAGEM DO LIVRO DE JONAS

Ao deparar com a novela de Jonas é importante separar alguns pontos: 1) a personagem Jonas; 2) a novela como um todo; e 3) a intenção do autor. Cada qual é parte de um mosaico didático-teológico que leva ao entendimento da mensagem central do livro. O autor da história quer fazer uma alusão à personagem Jonas, referido em 2Rs 14,25, no tempo de Jeroboão II, pois este representa o povo israelita, o povo que resistia à reforma de Esdras e Neemias. Ele mantém uma postura de quem tem conhecimento de um Javé que é misericordioso e que é somente o deus de seu povo eleito. Junto a essa mentalidade, pensava-se que nos demais povos ou cidades, sobretudo nas inimigas de Israel, Javé não habitava e, logo, deveria castigar qualquer erro ou opressão que viesse a acontecer. Nesse sentido, o autor não tem a intenção de mostrar um fato real, mas uma leitura da realidade, já que se trata de uma história “não-israelita”. Em outras palavras, quer evidenciar a importância da

misericórdia de Deus para além-fronteiras territorialmente políticas. A utilização da figura da personagem Jonas no drama é usada para chamar a atenção daqueles que pensam semelhantemente a ele, que querem exclusivismo religioso e político, sendo necessária uma conversão real, concreta a Deus, praticando realmente a própria teologia que acreditavam. Havia, neste sentido, uma diferença entre o que Jonas acreditava e o que ele e os seus viviam.

Além disso, a conversão (Teshuvà) é um tema central da mensagem do livro de Jonas, pois não basta saber que Deus é misericordioso ou fazer alguma pregação a respeito, como fez o profeta. É preciso, pois, converter-se a Deus em atitudes e obras, como os “excluídos” e “inimigos” do povo hebreu fizeram: ninivitas e marinheiros. A gratuidade de Deus é para todas as pessoas e a misericórdia de Deus é universal, por isso viu Javé a mudança de vida dos ninivitas e Ele os livrou do mal que lhes ia causar.

Esta mensagem contrapõe o nacionalismo exacerbado do povo judeu, que desmerecia os demais povos ou classes sociais e políticas da época. Com essa mentalidade, parece que Javé deveria salvar somente este “povo eleito” e castigar os demais, o que o fez ser conhecido como o deus dos exércitos. Os outros povos eram considerados “pagãos” em relação à religião oficial.

Nesta história, os “pagãos” dão uma lição de atitude religiosa que superou os ritualismos inescrupulosos que os religiosos judeus impunham à purificação da classe eleita, tornando a misericórdia de Deus algo equivalente à retribuição nos templos. Deus vai além desse pensamento, mostrando-nos que é um Deus para todos, misericordioso, gratuito.

Neste sentido, a conversão dos ninivitas (estrangeiros), os piores inimigos que Israel já conheceu, e dos marinheiros (pagãos piedosos), servem como ironia ao exclusivismo da reforma persa e da convivência dos poderes religiosos. Outra ironia é a reação da baleia, depois do terceiro dia que Jonas se encontrava em sua barriga: ela o vomitou, sinal de que Jonas, representante dos puros, é tido como impuro, por Deus. A prática dos reformistas excluía outros povos, ao invés de incluir e fazer com que a misericórdia de Deus chegasse a todos os povos. Mesmo assim, a contragosto, a personagem Jonas é levada à Nínive a fim de que todos se convertam. No fim, fica uma pergunta: será que Jonas se converteu ou somente os estrangeiros? E nós, estamos do lado de Jonas, contra um sistema exclusivista ou também fechamos as muralhas da nossa fé?

Referências Bibliográficas

- KNAUF, Ernst Axel. *Jonas*. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- MARQUES, Maria Antônia. *Levanta-te e vai à grande cidade: uma introdução ao livro de Jonas*. In: *Vida Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2010. Setembro-Outubro. Pág. 6-13.
- MORA, Vincent. *Jonas*. São Paulo: Paulinas, 1983. Cadernos Bíblicos – 36.
- NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.
- STORNIOLO, Ivo. *O livro de Jonas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. Série Como ler a Bíblia.